

OS CAMINHOS PARA A *CASA PERFEITÍSSIMA*

ALEXANDRA CURVELO

Técnica Superior do Museu Nacional do Azulejo, comissária científica e executiva da exposição; Professora Auxiliar convidada do Departamento de História da Arte da FCSH/UNL e investigadora integrada do Centro de História de Além-Mar (FCSH/UNL).

MARIANO PIÇARRA E LUÍS AFONSO

O Designer Mariano Piçarra, da Fundação Calouste Gulbenkian, foi o responsável pelo Projecto museográfico e Coordenação do Design da exposição, tendo cabido ao Atelier afonsocarvalho a produção da mesma.

Comemorou-se em 2009 o quinto centenário da fundação do Mosteiro da Madre de Deus, edifício que se encontra classificado como monumento nacional e que integra actualmente, e desde 1983, o Museu Nacional do Azulejo (MNAz).

Nas actividades previstas para o MNAz em 2009, este evento assumiu, naturalmente, um destaque particular. Era intenção celebrar a data da fundação, o que ficou registado através do postal ilustrado editado pelos CTT, mas, acima de tudo, delinear um programa de acções, a culminar numa exposição, que colocasse em evidência as mais recentes investigações desenvolvidas em torno da figura de D. Leonor e da sua Casa, na qual o mosteiro se integrava como um dos núcleos fundamentais.

A história factual é conhecida: o mosteiro de Xabregas, ou Enxobregas, como também é denominado, foi fundado em 1509 por iniciativa da Rainha D. Leonor (1458-1525), mulher de D. João II e irmã do Rei D. Manuel I. Cedo este espaço se afirmou como um lugar de excepção no contexto português, desde logo pela notabilidade de algumas das figuras que lhe ficaram associadas, começando pela da sua fundadora, personagem ímpar no universo intelectual e mecenático da Europa de então, assim como com as obras de arte nele reunidas.

Inicialmente pensado para receber um número reduzido de freiras (foram sete as religiosas transferidas do Convento de Jesus de Setúbal para a Madre de Deus em 1509), o número de pedidos de ingresso, que se traduziu na contabilização de 42 freiras logo em 1525, teve um impacto imediato na reorganização do mosteiro e da vida conventual. Em causa estava uma vivência comunitária que, por ser feminina, se pautava por particularidades que se reflectiam nos respectivos estatutos (observância da Ordem de Santa Clara).

D. Leonor, modelo de virtudes cristãs, fundadora das Misericórdias e uma das responsáveis pela construção de instituições hospitalares como o Hospital do Pópulo, nas Caldas da Rainha, e o Hospital real de Todos-os-Santos, em Lisboa, foi igualmente promotora da introdução da imprensa em Portugal. A ela se deve a encomenda de uma série de obras, tanto no reino, como na Europa do sul e do norte. São peças de pintura, iluminura, cerâmica, têxteis e escultura, que aliam à qualidade técnica uma riqueza iconográfica e de sentido que importa sublinhar no entendimento da figura da própria Rainha e do lugar a que ficou associada.

Foi precisamente com vista à apresentação e discussão de ideias sobre este universo humano e patrimonial, que se organizou um colóquio que decorreu entre os dias 21 e 23 de Maio de 2009 no MNAz. O título dado, o mesmo que veio a ter a exposição e respectivo catálogo, remetia precisamente para este enquadramento: *Casa Perfeitíssima. 500 Anos da fundação do Mosteiro da Madre de Deus*.

A palavra “Casa”, na acepção coeva do termo, evoca o conjunto de pessoas e de bens associados a D. Leonor, referida na *Crónica Seráfica* de Frei Jerónimo de Belém e no texto do Padre Mestre Jorge de S. Paulo dedicado à história do Hospital das Caldas como *Rainha Perfeitíssima*. Modelo de virtudes cristãs e complemento da acção régia de D. João II, cognominado o *Príncipe Perfeito*, para ela foram reservados os superlativos, agora parcialmente reapropriados e lembrados.

A estruturação dos painéis das comunicações teve como fio condutor aquele que veio a modelar, em larga medida, a própria narrativa expositiva e o respectivo catálogo, tomando como ponto de partida para discussão e reflexão a figura da Rainha e do enquadramento religioso que pautou o seu tempo, para passar à discussão da cultura material que lhe está associada. Porém, e ao contrário do enquadramento temporal que veio a marcar a exposição, “emoldurada” pelo arco cronológico da vida da monarca, no colóquio houve a preocupação de atender aos momentos subsequentes da história do mosteiro e de uma ocasião comemorativa com impacto a nível nacional: o do V centenário do nascimento da Rainha, celebrado em 1958.

Com um programa de comemoração que começou a ser concebido e trabalhado em Janeiro de 2009, a escassíssimos 11 meses da abertura da exposição, a realização do colóquio assumiu uma importância acrescida, tendo sido a partir das comunicações então apresentadas que se preparou o catálogo bilingue (Português/Inglês), que contou com a colaboração de especialistas portugueses e estrangeiros, tanto do mundo académico como profissionais de museus.

O repto era duplo: produzir um catálogo que trouxesse, do ponto de vista da investigação, novas propostas de interpretação e de leitura da vida e do contexto cultural de D. Leonor, assim como inserir um conjunto importante de obras que por vicissitudes várias não puderam ser incluídas na exposição. Tratava-se, pois, de produzir um registo escrito e visual que traduzisse tanto quanto possível o programa comemorativo desenvolvido pela equipa do MNAz e que, em termos da correspondência expositiva, visava ultrapassar a memória material das peças exibidas.

Estruturado em duas partes complementares, o catálogo apresenta um primeiro conjunto de dezasseis textos distribuídos por três secções: “D. Leonor, a «Rainha perfeitíssima»”; “O sítio de Enxobregas: Architecturas e Vivências” e “O Mosteiro da Madre de Deus: A Casa Perfeitíssima”. Segue-se o “Catálogo”, ou as entradas de peças, incluindo, como referido, as que não foram expostas, mas cuja associação ao mosteiro e/ou à rainha considerávamos importante para uma compreensão mais abrangente do objecto de estudo e de exposição.

Algumas das novidades divulgadas resultaram não apenas da investigação arquivística e bibliográfica realizada nas últimas décadas, como do contributo trazido pelos exames efectuados no âmbito das intervenções de conservação e restauro levados a cabo pelos profissionais desta área. Se o catálogo reflecte inequivocamente a estreita relação da História e da História da Arte com a Conservação e Restauro, pretendeu-se que o visitante da exposição tivesse igualmente consciência do trabalho conjunto realizado e da importância da documentação a ele associada. Nessa medida, e para dois casos específicos (ambos pinturas), colocaram-se reproduções de material fotográfico (um raio-X num caso e uma fotografia no outro), chamando-se a atenção para os dados mais importantes a tomar em consideração no texto que compunha a legenda alargada que acompanhava cada uma das peças expostas. Efectivamente, constatou-se a importância da inclusão, a par da habitual ficha técnica relativa à identificação sumária dos objectos, de um texto de acompanhamento constituído por um ou dois parágrafos com informação que fornecesse ao visitante dados adicionais de interpretação e leitura.

A exposição

A exposição, que inaugurou dia 9 de Dezembro de 2009 com data de encerramento inicialmente previsto para 11 de Abril de 2010, mas que veio a ser prolongada até dia 13 de Junho, compôs-se de cerca de meia centena de peças provenientes, todas elas, de instituições nacionais: da colecção do próprio MNAz, da Biblioteca Nacional de Portugal, do Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa / Mosteiro de São Vicente de Fora, da Fundação da Casa de Bragança / Museu-Biblioteca da Casa de Bragança, Museu Carlos Machado, Museu Grão Vasco e Museu Nacional de Arte Antiga. Esta última instituição, actualmente detentora da grande maioria do património do primitivo Mosteiro da Madre de Deus, assumiu por esta razão um papel preponderante, tanto enquanto entidade emprestadora, como elo fundamental no diálogo estabelecido com parte do seu corpo técnico na discussão de ideias e colaboração efectiva no colóquio e catálogo realizados.

Retomando parcialmente a grelha de apresentações adoptada no colóquio, a exposição estruturou-se em quatro núcleos diferenciados: *Devotio Moderna*, *Casa Perfeitíssima*, *Corte e Religião* e *Um Mosteiro de Clarissas*.

O primeiro, correspondente a uma sala onde se reuniram livros, pintura, escultura e uma tapeçaria, constituindo aquele que se pautou por uma maior diversidade de suportes,



Primeiro núcleo © Mariano Piçarra.

visava remeter para o contexto de um movimento espiritual que marcou o final da Idade Média e o início da época moderna na Europa católica. Apelando à procura de uma relação mais directa dos crentes com Deus, a *Devotio Moderna* antecipou assim o período de apogeu, nos séculos XVII e XVIII, de uma religiosidade monástica assente na penitência, na contemplação e na união espiritual, elementos distintivos da piedade que caracterizou o quotidiano das freiras que habitaram o mosteiro da Madre de Deus. Os objectos que aqui se reuniram surgiam como testemunho e reflexo de uma religiosidade cultivada por D. Leonor, devota senhora, profundamente católica, que se entregava às emoções de uma espiritualidade cristológica.

O segundo núcleo, inserido na “Sala Árabe” ou “Capela da Rainha”, um espaço do museu contíguo à Igreja e assim distanciada das salas do piso térreo e do primeiro andar onde se localizavam as restantes secções da mostra temporária, funcionou como uma área relativamente independente e que foi, frequentemente, visitada no final do percurso expositivo. Ocupando uma sala simbolicamente importante do edifício do primi-



tivo mosteiro, uma vez que, de acordo com uma fonte documental relevante, é provável que tenha estado na origem da escolha deste sítio para a fundação do cenóbio, este núcleo recebeu o mesmo título da exposição: *Casa Perfeitíssima*. As peças que o constituíam – a emblemática pintura “Panorama de Jerusalém” e quatro *tondi* da oficina Della Robbia com a representação dos Evangelistas – foram expostos já tomando em consideração a musealização deste espaço mesmo após o término da exposição. Associando uma obra da Europa do norte, resultado de uma oferta do Imperador Maximiliano I da Áustria a D. Leonor, a uma encomenda da monarca portuguesa a uma das mais importantes oficinas de cerâmica da Florença renascentista, procurou-se chamar a atenção para o carácter de singularidade da própria D. Leonor, sobretudo enquanto mecenas das artes e uma das grandes encomendadoras do Portugal de então.

Figura poliédrica, com uma existência pautada entre a vivência da Corte e uma reclusão monástica, duas realidades a que se fez corresponder os dois núcleos finais – *Corte e Religião* e *Um mosteiro de clarissas* –, D. Leonor teve uma vida que atravessou parte do reinado de D. Afonso V, todo o reinado de D. João II e de D. Manuel I e o início do de D. João III, o que lhe permitiu assistir a mudanças radicais no reino, coincidindo com um momento fundamental da expansão ultramarina portuguesa. À data do seu nascimento, dava-se a tomada da praça marroquina de Alcácer Ceguer. Sessenta e sete anos mais tarde, em 1525, já a presença portuguesa tinha alcançado o Mar da China. Os ecos materiais dos contactos estabelecidos com outras culturas materializaram-se também no património reunido no mosteiro leonorino ainda em vida da rainha, seja através de peças de porcelana hoje desaparecidas ou, datadas de um período mais tardio, obras provenientes da antiga Pérsia e Ceilão.

Esta vida longa, propiciou, também, o encontro com personagens maiores do universo cultural de então. O interesse da soberana pela vida intelectual reflecte-se numa série de acções que lhe estão associadas, tanto por via da promoção do teatro de Gil Vicente, como pela introdução da imprensa em Portugal, a importação de obras de arte e o mecenato artístico interno. Figura importante no universo intelectual e mecenático europeus, D. Leonor foi um elo fundamental da Corte portuguesa com outras cortes europeias. O Mosteiro da Madre de Deus e o Paço de Santo Elói, onde se fez rodear da mais fina elite intelectual da época, formavam a sua própria “Casa”, tendo sido pontos nodais importantes de dinâmica civil e religiosa do reino no início do século XVI. Paralelamente à exposição, e procurando lembrar esta linha de acção fundamental, realizou-se uma leitura encenada da peça vicentina *Auto da Sibila Cassandra*, num acção conjunta do MNAz, Teatro Nacional D. Maria II e Conservatório Nacional. A representação teve lugar na igreja da Madre de Deus a 17 de Dezembro de 2009, quase em vésperas de Natal, à semelhança do que havia sucedido há 500 anos, quando a pedido de D. Leonor, Gil Vicente escreveu um dos seus mais crípticos textos com posterior representação para as freiras do cenóbio.

A ambivalência de um quotidiano monástico no contexto de um mosteiro feminino de reclusão em que a Corte se manifestava mesmo através da presença física de alguns dos seus membros, como foi o caso de D. Leonor de Áustria, 3ª mulher de D. Manuel



Segundo núcleo © Mariano Piçarra.

(cujo retrato de Joos van Cleve abria o 3º núcleo), constituiu o pano-de-fundo do espaço do 1º piso do museu que acolheu as duas últimas secções da exposição. Para a constatação e observação do contraste entre a pintura religiosa em que o gosto e moda da Corte estão plasmados na forma como as figuras (sobretudo de uma hagiografia feminina) se encontram ricamente trajadas e ataviadas e as obras pictóricas de iconografia sobretudo franciscana, foi fundamental o contributo da equipa que concebeu, projectou e produziu a museografia da exposição.

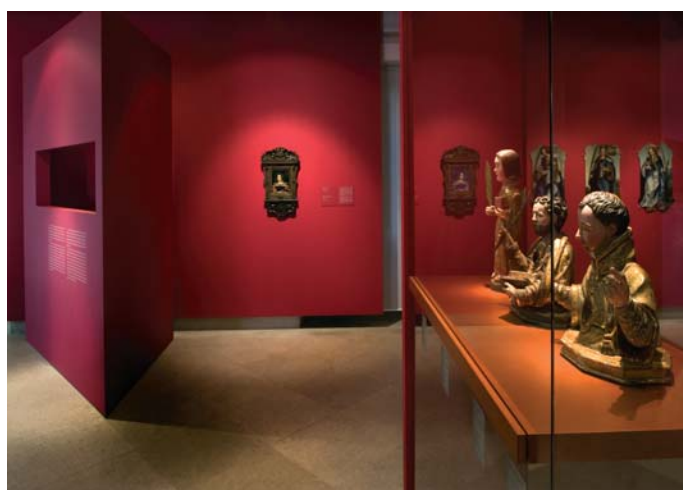
O projecto arquitectónico

Transformar “um tempo” e “um espaço”, num propósito de um *Onde* e num *Como*. Todo e qualquer problema tem uma solução. Encontrar uma resposta adequada passa sempre por um diagnóstico correcto. Há problemas mais ou menos complicados e/ou complexos, mas em princípio todos eles têm solução. Se assim não for, por definição, não podem ser problemas.



A vida profissional (e não só) coloca-nos constantes desafios, que vão sendo ultrapassados e resolvidos. Essa experiência sedimenta um leque de respostas e soluções, sobre as quais reflectimos. Esse trabalho de redução e (re)alinhamento desse(s) saber(es), sedimenta um *território*. Melhor, esta *praxis* é a transformação operacional num mapa de *saberes*. Este território é um *campo* de soluções, de certezas que ganham corpo e autonomia. No limite são “identidades” que de uma forma mais limitada podem ser copiados e repetidos, mas de um modo mais exigente e inteligente constituem-se como alavancas de outras soluções. Para além desta referência autofágica, existe uma outra fonte que se a tivesse que traduzir num movimento, chamar-lhe-ia – centrípeto. É neste “lugar” que se encontram saídas, que se “cozinham” soluções. Entre estes dois pólos existem uma colaboração estreita e uma rivalidade: Aplicar soluções testadas ou inovar? Jogar com certezas ou correr riscos? É nesta tensão que se produzem novos conteúdos e alargam perspectivas.

Para lá de uma valência técnica/científica, requisitos de outra ordem se colocam; mais subtis, não tão contabilizáveis, nem mensuráveis. É parte integrante do projecto todo um leque de valores e de dados culturais: contexto histórico, espaço cultural, articu-



Terceiro e quarto núcleos © Mariano Piçarra.



lação com outras manifestações, etc. Pede-se a uma exposição que pelo menos cumpra estes requisitos – testemunhe o *espaço* e justifique o *tempo* que ocupa. Outras, para o melhor ou pior, não são “daqui”, nem de “agora”.

Voltando ao caso concreto da exposição “A Casa Perfeitíssima”, desta vez, não para tecer considerações vagas, mas sim para dar uma resposta concreta: organizar a exposição comemorativa dos 500 Anos da Fundação do Mosteiro Madre de Deus. O ponto de partida pode ser estruturado como uma equação – existem premissas fixas e variáveis. Como fixas temos o espaço e o guião, como variável o projecto. Disponibilizaram-se para esta exposição as duas salas que o Museu do Azulejo tem vocacionadas para as exposições temporárias e um espaço que foi a antiga Capela de D. Leonor. Como se pode observar, as salas não são contíguas, e os níveis e as distâncias a que se encontram umas das outras, bem como a sua articulação, não são as mais favoráveis para construir um percurso e articular um programa. Este era um factor incontornável e um dado a considerar da maior importância para o projecto.

O guião era composto por quatro núcleos: I-*Devotio Moderna*, II-*Casa Perfeitíssima*, III-*Corte e Religião* e IV-*Um Mosteiro de Clarissas*.

Sabendo *à priori* que o segundo núcleo seria para ser instalado em definitivo na antiga capela de D. Leonor, ficamos deste modo com o primeiro, segundo e quarto núcleos para instalar nas duas salas restantes.

Projectos desta natureza têm de respeitar na íntegra o guião. Este é um fio condutor impossível de ser interrompido ou pervertido, pois constroem-se narrativas muito fechadas. Partindo deste princípio, ficamos com três núcleos para distribuir em duas salas. Colocavam-se duas hipóteses: primeira – instalar os núcleos I e III no piso térreo e destinar o piso superior ao IV núcleo, segunda hipótese – instalar o núcleo I no piso térreo e destinar o piso superior aos núcleos III e IV.

Nunca foi colocada a possibilidade de se dividir o terceiro núcleo pelos dois espaços. Como já foi referido, existe uma estrutura narrativa que amarra e separa os objectos de uma forma muito forte, estes não podem ser desarticulados sob pena de se perder o sentido da exposição. É com estas premissas que se tem que encontrar uma solução – esta *praxis* profissional tem um nome: museografia. A matéria-prima de que dispomos é *espaço, cor e luz*.

Quanto mais complicado e complexo for um programa, maior o esforço de integração e dialogo entre estes dois pólos: museologia/museografia.

Quando se encontra uma solução que viabiliza um problema, não nos podemos esquecer que é uma possibilidade entre outras. Não serão infinitas, mas também não as posso contabilizar. Assim, o importante é que o projecto resulte num discurso inteligível e num corpo coerente. Se se conseguir agregar outros valores, tanto melhor. Perante a natureza efémera destes eventos, coloca-se a questão: “- O que fica?” Penso que o problema tem sido mal colocado. A pergunta a que se tem que encontrar resposta é: “- Onde fica?” •